

## A alma dos lugares

Uma biblioteca contribui para dar a qualquer espaço uma identidade própria. E o que é a alma de um lugar senão a alma das pessoas que o fundaram?

*José Eduardo Agualusa, 13/04/2024*

Link: <https://oglobo.globo.com/cultura/jose-eduardo-agualusa/noticia/2024/04/13/a-alma-dos-lugares.ghtml>



Uma pequena biblioteca. Foto: The Biltmore Company

Crianças com 5 ou 6 anos, quando já têm um domínio quase perfeito da língua materna, mas ainda não perderam o dom do espanto, podem ser extraordinários instrumentos de desassossego, ajudando-nos a ver o mundo, questionando conceitos e preconceitos.

Outro dia entrei com Kianda, a minha filha de 5 anos, no Ilha Blue, um bar de surfistas e de velhos hippies intelectuais, que se soltou de uma qualquer praia australiana e aportou na Ilha de Moçambique — sem os surfistas e sem os hippies. Enquanto nos sentávamos, comentei distraído:

— Este lugar tem alma.

— O que é isso?! — quis saber Kianda. — O que é um lugar com alma?

Faço um esforço para nunca a deixar sem uma resposta. Tento ser preciso e honesto. Muitas vezes falho, mas pelo menos tento. Vacilei:

— Sabes o que é alma?

— A alma é uma luz muito pequenina escondida no coração. É o que continuamos a ser depois que deixamos de ser...

Kianda e eu costumamos brincar do jogo das definições. Nunca sei se ela inventa as definições, muitas vezes surpreendentes, ou se está citando Po, o Panda, ou outro

personagem de filmes de animação. Concordei com aquela definição de alma. Tentei amparar-me nela:

— Bem, um lugar com alma tem essa luz escondida, filha. Quero dizer, brilha de uma forma única.

— Onde está agora?

— O quê?

— Onde está a alma deste lugar? A luz escondida? Vamos procurá-la?

Desisti:

— Olha, tem bolo de banana. Queres bolo de banana?

Enquanto Kianda comia o bolo de banana fui espreitar os livros. O Ilha Blue, propriedade de um casal de australianos, também vende livros, na sua maioria em língua inglesa, e todos com sinais de terem sido lidos e relidos. Sempre que lá vou aproveito para namorar os volumes que mais me interessam. Quando voltei a sentar-me, Kianda devorava as últimas migalhas do bolo:

— Acho que a alma deste lugar está nos livros — disse-me ela, muito segura. — Ou então nos bolos. Encontrei a luz escondida?

Mostrei-lhe o livro que decidira comprar, “The Birdman’s wife”, de Melissa Ashley. Disse-lhe que sim, que esperava encontrar alguma luz dentro dele.

Talvez Kianda esteja certa. Uma biblioteca, mesmo pequena, contribui para dar a qualquer espaço uma identidade própria. Nas estantes do Ilha Blue está uma parte das almas do casal de australianos que escolheram aqueles livros, e que foram transformados por eles — Gail, uma professora universitária aposentada, especialista em línguas aborígenes em vias de extinção, e Peter, um nômade profissional.

Afinal, o que é a alma de um lugar senão a alma, ou a soma das almas, das pessoas que o fundaram?

Lugares sem alma — os não lugares que Marc Augé tão bem definiu — são todos aqueles que, mesmo atravessados por muitas pessoas, não guardam as vozes de ninguém. Lugares com alma, pelo contrário, estão cheios de vozes e de ensinamentos. Ao entrarmos neles, ao nos afeiçoarmos a eles, algo de nós se transmite também a esses lugares — um sopro, um gesto, uma pequena luz escondida.